

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

LETTICIA TACIANE COSTA RIBAS

**A RELAÇÃO AUTOR-LEITOR NO GÊNERO FANFICTION:
APROXIMAÇÕES E DESLOCAMENTOS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2021

LETTICIA TACIANE COSTA RIBAS

**A RELAÇÃO AUTOR-LEITOR NO GÊNERO FANFICTION:
APROXIMAÇÕES E DESLOCAMENTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso - Modalidade Monografia apresentado à disciplina de TCC 2 do Curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus de Curitiba, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Lourdes Rossi Remenche

CURITIBA

2021



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Campus Curitiba
DALIC – Departamento Acadêmico de Linguagem e
Comunicação



LETTICIA TACIANE COSTA RIBAS

**A RELAÇÃO AUTOR-LEITOR NO GÊNERO FANFICTION: APROXIMAÇÕES E
DESLOCAMENTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras Português da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), na área de Letras.

Data de aprovação: 6 de dezembro de 2021.

Profa. Maria de Lourdes Rossi Remenche, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profa. Ana Paula Pinheiro da Silveira, Doutorado – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profa. Nívea Rohling, Doutorado – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Evandro de Melo Catelão, Doutorado – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 06/12/2021.
A folha de aprovação assinada encontra-se na Secretaria do curso.

Aos meus pais,
por todo amor que me deram.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradeço a Deus pela minha vida e por ter chegado até esse momento. Tudo que já conquistei foi por mérito dEle.

Aos meus pais, Neova e Pedro, por se dedicarem tanto para que eu pudesse ser quem eu sou. Por sempre me apoiarem em todos os planos que já fiz, por serem meus fãs número um. Muito obrigada pelo exemplo de força. Amo vocês!

Ao Anderson, meu namorado, por estar do meu lado nos momentos bons e ruins. Sou muito grata por toda a força que me deu e por me oferecer um ombro sempre que eu precisei chorar. A vida ao seu lado tem sido incrível.

À minha prima e amiga, Lisandra. Obrigada por estar sempre ao meu lado (mais precisamente, desde o seu primeiro mês de vida).

Às minhas amigas da jornada acadêmica e da vida, Ana Leticia e Letícia. Obrigada pelos conselhos, pelas risadas, pelos choros e pelos abraços. Ainda bem que Deus trouxe vocês para minha vida.

À Raylla. Nossa amizade começou com as fanfics e, graças a Deus, só cresceu. Te agradeço por todo apoio e por todas as ligações para edificar (e fofocar).

À minha orientadora, Maria de Lourdes, pela eterna paciência e pelos puxões de orelha. Este trabalho não seria o mesmo sem os seus ensinamentos.

Aos livros, que me fizeram sonhar e sempre acreditar.

À escrita, que me libertou.

E, por fim, a mim mesma, por não ter desistido, por ter continuado mesmo nos tempos difíceis quando a vontade era de não sair da cama.

RESUMO

RIBAS, Letticia Taciane Costa. **A Relação Autor-Leitor no Gênero Fanfiction: aproximações e deslocamentos.** 2021. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2021.

Este trabalho teve como objetivo analisar os deslizamentos das concepções autor-leitor no gênero Fanfiction. Como corpus de análise, foi selecionada a fanfiction “Amando o inimigo”, de Nina Santos, do site FanficObsession. A pesquisa supradita adotou o viés qualitativo-interpretativista, ancorando-se nas ideias de Bakhtin (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006 e BEZERRA, 2012); Kalantzis e Cope (KALANTZIS, COPE, PINHEIRO, 2020 e REMENCHE, OLIVEIRA, 2019). Os resultados da análise revelaram que esse deslocamento se dá pela hibridização do autor-leitor, em razão das TDIC e do surgimento do leitor-autor.

Palavras-chave: Fanfiction. Relação autor-leitor. Cibercultura. Multiletramentos. Bakhtin.

ABSTRACT

RIBAS, Letticia Taciane Costa. **The Author-Reader Relationship in the Fanfiction Genre: approximation and displacements**. 2021. 56 p. (Licentiate in Languages Portuguese) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2021.

This work aimed to analyze the slippages of author-reader conceptions in the Fanfiction genre. As a corpus of analysis, a fanfiction “Amando o Inimigo”, by Nina Santos, from the website FanficObsession, was selected. The aforementioned research adopted a qualitative-interpretative bias, anchoring itself on Bakhtin's ideas (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006 and BEZERRA, 2012); Kalantzis and Cope (KALANTZIS, COPE, PINHEIRO, 2020 and REMENCHE, OLIVEIRA, 2019). The results of the analysis revealed that this displacement occurs due to the hybridization of the author-reader, due to the TDIC and the emergence of the reader-author.

Keywords: Fanfiction. Relationship author-reader. Cyberculture. Multiliteracies. Bakhtin.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Periculum Siderea: a ligação entre Draco e Caroline.....	41
Imagem 2 – Estação King’s Cross.....	42
Imagem 3 – A morte de Caroline.....	43
Imagem 4 – Epílogo narrado por Malfoy.....	44
Imagem 5 – Epílogo por Malfoy.....	45
Imagem 6 – Comentários.....	46
Imagem 7 – Pop-up com o nome da protagonista.....	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Parâmetros de análise.....	32
Quadro 2 – Elementos do site de Fanfic	36

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
Fanfic/Fic	Fanfiction
FFOBS	FanficObsession
GNL	Grupo de Nova Londres
HP	Harry Potter (a série)
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1. A IMPORTÂNCIA DA FANFICTION	10
2. HIPOTEXTO DA PESQUISA	13
2.1. AS VOZES NO TEXTO: DIALOGISMO E POLIFONIA.....	13
2.2. A INTERNET E A EXPANSÃO CULTURAL.....	17
2.3. O LEITOR-AUTOR E OS MULTILETRAMENTOS.....	19
2.4. LEITOR, AUTOR OU CO-PRODUTOR?	22
2.5. FANFICTION: O GÊNERO NA BNCC	29
3. O PERCURSO DA PESQUISA	32
3.1. O CORPUS: HARRY POTTER E “AMANDO O INIMIGO”	33
4. O LEITOR QUE TAMBÉM É AUTOR: RESULTADOS DA ANÁLISE	39
4.1. POLIFONIA	39
4.2. AGENCIAMENTO E DIVERGÊNCIA	41
4.3. CONCEITUALIZAÇÃO	42
4.4. MULTIMODALIDADE E ESCRITA COLABORATIVA	42
4.5. HIBRIDIZAÇÃO AUTOR-LEITOR	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

1. A IMPORTÂNCIA DA FANFICTION

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDIC - proporcionaram a criação de diferentes gêneros discursivos digitais que articulam o papel do leitor e do autor. Considerando esse contexto contemporâneo, faz-se necessário o estudo desses gêneros para especificar e avaliar seu impacto social, assim como para compreender suas características. Para tanto, esse trabalho se voltará para o estudo do gênero fanfiction (doravante fanfic ou fic) e investigará as transformações na concepção autor-leitor a partir da produção desse gênero digital.

A pesquisa visa investigar a aproximação e o deslocamento entre o leitor e o autor que, nesse gênero, possuem um papel que se move de um para outro em uma escrita colaborativa. A fim de analisar como esse movimento se deu, o trabalho partirá da perspectiva das trocas enunciativas dos formalistas russos, passando pelo aspecto polifônico que constitui a fanfiction e sua escrita colaborativa.

A importância do tema reside no fato de que esse é um gênero emergente, que cresceu a partir das mídias digitais e que possibilita ao leitor criar e se tornar autor a partir de uma obra pré-existente (hipotexto). Essa possibilidade rompe com as barreiras impostas pelos direitos autorais e possibilita que outros tipos de produções sejam considerados literatura.

As TDIC e a criação do gênero fanfiction promoveram o deslocamento do leitor para autor. Esse leitor passou a ser um sujeito ativo, que se apropria da narrativa, modificando-a. Nessa perspectiva, o lugar da autoria se desprende da ideia de autor canônico, que parte “do zero” para construir sua obra, tornando-se o autor que utiliza como base para sua escrita algo já sob a posse de “direito autoral” de outrem.

Por se tratar de um gênero relativamente novo, a necessidade de um aprofundamento de seu estudo se justifica para entendermos de que forma essas práticas rompem com concepções canônicas da literatura.

A se considerar a importância do gênero fanfic, observamos que a Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC, cita-o em práticas de escrita por conta de sua emergência e literariedade, pois é um gênero capaz de abranger inúmeros elementos tanto narrativos quanto de intertextualidade. A BNCC (BRASIL, 2019) enfatiza a relevância de trabalhar com esse e com demais gêneros digitais, em razão

do estudante ter contato com eles fora da escola, então se faz necessário que haja esse trabalho dentro de sala de aula para que o aluno possa aprender de quais formas explorá-los de maneira crítica.

A BNCC prevê que a fanfic, assim como demais gêneros digitais, promove “formas de apropriação do texto literário” (BRASIL, 2019), ou seja, o aluno não apenas lê o texto, mas se identifica e o transforma à sua maneira. Dessa forma, ele mobiliza a criatividade, recriando conteúdos - o que exige novas habilidades e “estéticas mais refinadas” (BRASIL, 2019). A BNCC (BRASIL, 2019) ainda ressalta que a escrita literária está conectada à ideia de se descobrir. É uma criação autoral a partir de uma outra obra já existente. O indivíduo se reconhece como autor e cria sua identidade.

A fanfic não precisa ser somente um gênero novo que retrate culturas pop, contemporâneas, ela ainda abre possibilidades de retomar os clássicos como, por exemplo, “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, ou seja, abre espaço para um trabalho que envolve o canônico e o digital.

O termo multiletramentos se compõe por dois aspectos, basicamente: o primeiro, as múltiplas culturas - e as maneiras como estas modificam o sujeito; e o segundo, como essa cultura é expressa diante do espaço fluido que é a internet, quais ferramentas que possibilitam ao sujeito interagir e reagir diante daquilo que é exposto, ou seja, as multimodalidades. Um texto não é composto apenas do verbal, mas inclui o visual, sonoro etc. (ROJO, 2012; KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020). E aprender mais sobre esse gênero envolve trabalhar com os multiletramentos, tendo em vista que ele mobiliza não só linguagens predominantemente digitais, como também diferentes culturas. Os inúmeros temas que as fanfics podem abordar e as diversas maneiras pelas quais podem ser escritas envolvem multimodalidades, as quais os leitores-autores mobilizam nas práticas de leitura e escrita.

Em razão disso, o objetivo desse trabalho é analisar de que forma o gênero digital fanfiction desloca a concepção de autor e leitor, a partir de concepções de Polifonia e Escrita Colaborativa. Para tanto, os teóricos mobilizados para essa análise foram Bakhtin (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006; BEZERRA, 2012); Fernandes *et al.* (2010); Kalantzis e Cope (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020; REMENCHE; OLIVEIRA, 2019).

O caminho desta pesquisa iniciará com a enunciação e o dialogismo (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006; SILVEIRA; ROHLING; RODRIGUES, 2012). Com isso, será visto que uma enunciação nunca é neutra e que ela é construída por diversas vozes. Diante da polifonia (BEZERRA, 2012; PIRES; TAMANINI-ADAMES, 2010), essas diversas vozes podem soar ao mesmo tempo, tendo seu valor equiparado. Em seguida, abordando o ciberespaço será possível compreender que esse é um lugar em que as pessoas podem dar vazão ao que queriam dizer e fazer. Esse espaço plural e fluido possibilita que aquele indivíduo que só lê, passe a escrever e produzir, reagindo ao que é posto diante de si. Adiante, serão acionadas as quatro dimensões: agenciamento, a divergência, as multimodalidades e a conceitualização (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020; REMENCHE; OLIVEIRA, 2019). Essas quatro dimensões auxiliam na hibridização do autor-leitor.

Por fim, será apresentada uma reflexão sobre como a cibercultura contribuiu para esse deslocamento de autor-leitor, acionando, para tal, as concepções dos Multiletramentos na análise da fanfic do FanficObsession (FFOBS).

2. HIPOTEXTO DA PESQUISA

Este capítulo desdobrará os conceitos teóricos nos quais esta pesquisa foi alicerçada. Partirá do conceito de dialogismo da linguagem – com o Círculo de Bakhtin, seguindo para o conceito de cibercultura e multiletramentos, a fim de refletir sobre as interações e práticas de leitura e escrita contemporâneas.

2.1. AS VOZES NO TEXTO: DIALOGISMO E POLIFONIA

Neste tópico, trataremos acerca da enunciação, que para Bakhtin e Volóchinov (2006), é particular, pois parte da consciência individual, ou seja, advém dos desejos, intenções, impulsos criadores dos sujeitos (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006). De modo geral, a expressão pode ser descrita como aquilo que se forma dentro do indivíduo e é exteriorizado. Um texto que articula o verbal e o visual possui uma relação dialógica. Para ele, não há enunciado neutro, há uma relação dialógica em cada enunciado (SILVEIRA; ROHLING; RODRIGUES, 2012).

A expressão pressupõe duas facetas: o *conteúdo* e a *objetivação exterior*, isto é, a mensagem que o sujeito quer transmitir, a enunciação. A *expressão-enunciação* é “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006, p. 114). Para que haja uma enunciação, há a necessidade de um interlocutor, alguém com quem esse ser vai dividir essa palavra (Bakhtin; VOLÓCHINOV, 2006). Em razão de se dirigir a um interlocutor, essa enunciação vai seguir alguns comandos, dependendo de quem seja o ouvinte. Pode haver variação de formalidade, de campo semântico, hierarquia etc. Bakhtin e Volóchinov (2006) apontam que não há interlocutor abstrato, por exemplo, mesmo quando uma pessoa escreve um diário, ela acaba se tornando seu próprio interlocutor.

Nessa perspectiva, Bakhtin e Volóchinov (2006) assemelham a enunciação a uma ponte, na qual de um lado está o locutor e do outro o interlocutor. No meio, a palavra se encontra. A metade desse caminho vai ser chamado de *zona fronteira*, que é onde a palavra vai pertencer um pouco ao locutor, mas ser apropriada pelo interlocutor.

Todo discurso nasce na sua relação dialógica com o discurso do outro, assim, a *palavra alheia*, que é o grande eixo organizador dessa noção de discurso, evidencia-se como elemento indispensável à construção do discurso. São quase indivisíveis as fronteiras da palavra de outrem e a palavra do autor. (SILVEIRA; ROHLING; RODRIGUES, 2012, p. 28)

Dessa maneira, Bakhtin e Volóchinov (2006) explicam como a enunciação é dialógica e envolve os diferentes sujeitos da situação comunicativa.

Quando um autor de livro escreve uma história, ele supõe um interlocutor ideal, alguém que vai estar do outro lado da ponte e estabelecerá uma interação. Nesse encontro, um pouco dessa enunciação pertence a esse autor-locutor e um pouco a esse leitor-interlocutor. Do lado de lá da ponte, o leitor vai se apropriar dessa enunciação, dessas palavras, e transformá-las em suas, compondo seu *auditório social*. Por exemplo, em uma fanfic, esse interlocutor, já escritor de fanfic, trabalhará essa enunciação que compartilhou com o autor do livro e criará sua própria enunciação, criando outras pontes com demais leitores – agora seus. Esse enunciado não é considerado totalmente seu, pois foi previamente compartilhado com o autor, mas carrega um pouco de si. “Em síntese, para Bakhtin, todos os nossos enunciados estão em relação dialógica, uma vez que nascem de outros enunciados já-ditos (explícitos ou não) e buscam a reação-resposta ativa dos outros [...]” (SILVEIRA; ROHLING; RODRIGUES, 2012, p. 22)

O *auditório social* é explicado por Bakhtin e Volóchinov (2006) como o conhecimento adquirido por ele dentro de seu *horizonte social*. Além disso, também abrange seus gostos, sonhos, crenças etc. No contexto de produção de fanfics, o *auditório social* do autor do primeiro texto não poderá ser comparado com o *auditório social* do escritor da fanfic, também considerando que cada um tem um *horizonte social* diferente. Esse *horizonte* “determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito.” (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006, p. 115). Logo, além de ter um *auditório social* diferente, ambos os autores podem ter os *horizontes sociais* distintos. Dessa forma, além de trocarem esse enunciado específico – a primeira história (hipotexto) -, eles podem não ter outros enunciados em comum.

Em razão dessa apropriação do enunciado “alheio”, cabe a questão da propriedade. A quem realmente pertence o texto, tendo em vista que, segundo Bakhtin e Volóchinov (2006), uma parte pertence ao autor do primeiro texto e outra pertence ao leitor. Para adentrar na questão de propriedade, Bakhtin e Volóchinov (2006) se atém aos signos. Para eles, essa é uma questão complexa quando se aplica ao ato de materialização da palavra como signo, pois esse é extraído de um "estoque social de signos disponíveis" (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006, p. 115). Não é possível falar em originalidade quando se leva em conta que o material do autor da primeira história (hipotexto), que serve de base para a produção da fanfic, precisou extrair esses signos desse estoque comunitário.

A situação social, ou seja, o meio ou o grupo no qual o indivíduo está inserido, vai determinar a maneira como ocorre a *expressão-enunciação*. Na contemporaneidade, essas questões se complexificam, pois as enunciações passaram por mudanças. Nos tópicos abaixo, serão feitas reflexões sobre as práticas de leitura e de que forma se modificaram.

Um conceito que enriquece a prática de leitura e a autoria dentro de uma obra, principalmente as de romance, é a polifonia. Bakhtin aponta que a polifonia se opõe à monofonia. A monofonia representa aqueles textos que contém apenas uma voz, isto é, apenas um pensamento ou ideal (RECHDAN, 2003). “O dialogismo não deve ser confundido com polifonia, porque aquele é o princípio dialógico constitutivo da linguagem e esta se caracteriza por vozes polêmicas em um discurso.” (RECHDAN, 2003). Bakhtin chegou ao gênero romance polifônico depois de analisar as obras de Dostoiévski. Nelas, ele percebeu que havia muito mais do que só a consciência do autor, ali as personagens tinham consciência própria e divergiam daquilo que o autor queria ou temia dizer. “Um autor está sempre na relação dialógica com os outros e, na polifonia, sua voz é chamada à interação com as outras tantas vozes da sociedade que se insere.” (PIRES; TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 68).

O termo polifonia advém do contexto musical, no qual havia mais de uma pessoa cantando harmonias ou músicas diferentes. Por vezes, essas músicas eram difíceis de entender, tendo em vista a sobreposição - ou contraposição. Bakhtin, no entanto, abraçou o termo e advogou que dentro do romance é possível haver essa

mistura de vozes, que devem possuir o mesmo valor e espaço dentro da obra (PIRES; TAMANINI-ADAMES, 2010). O autor da obra, então, assume o papel de regente, responsável por guiar essas vozes, mas não silenciá-las ou induzi-las. “O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico.” (BEZERRA, 2012, p. 194). Por isso, “[...] a polifonia é parte essencial de toda enunciação, já que em um mesmo texto ocorrem diferentes vozes que se expressam, e que todo discurso é formado por diversos discursos.” (PIRES; TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 66).

“E Bakhtin afirma que o romance polifônico só pôde realizar-se na era capitalista [...]” (BEZERRA, 2012, p. 193), Tendo-se em vista que havia a reificação do homem, em que ele era apenas um objeto, não tinha voz e nem pensamento. Com a chegada da era capitalista, houve o coletivo, o pensamento de revolução. Isso quebrou o homem-objeto. Eles passaram a ser vistos individualmente - com suas múltiplas vozes (BEZERRA, 2012).

A esse tratamento reificante do homem contrapõe-se o dialogismo, procedimento que constrói a imagem do homem num processo de comunicação interativa, no qual eu me vejo e me reconheço através do outro, na imagem que o outro faz de mim. (BEZERRA, 2012, p. 194)

“Na ótica da polifonia, as personagens que povoam o universo romanesco estão em permanente evolução.” (BEZERRA, 2012, p.191). Ou seja, ao contrário da monofonia, que tem seu conteúdo fechado, acabado. Na polifonia, as personagens são vistas como sujeitos, com consciências vivas e ativas, portanto não se limitam àquilo exposto na obra. O autor empresta um pouco do que vê de fora, da realidade, para empregar nas personagens a própria verdade e visão de mundo. Eles não são finitos, pois podem mudar a qualquer momento.

Para a representação literária, a passagem do monologismo para o dialogismo, que tem na polifonia sua forma suprema, equivale à libertação do indivíduo, que de escravo mudo da consciência do autor se torna sujeito de sua própria consciência. (BEZERRA, 2012, p.193)

Para Bakhtin, a polifonia vai mostrar que aquilo dito pelo personagem parte dele mesmo, não tendo vínculo com o pensamento ou crença do autor. Grillo (2005, p. 1165 *apud* PIRES-TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 72) adverte que “não basta que haja diversas vozes, antes é preciso que elas se constituam, por meio do diálogo, em

pontos de vista contraditórios”. Na polifonia há o confronto de ideias dentro da obra. Os personagens seguem caminhos próprios, diferentes uns dos outros. “Essas vozes possuem independência excepcional na estrutura da obra, é como se soassem ao lado da palavra do autor, combinando-se com ela e com as vozes de outras personagens.” (BEZERRA, 2012, p. 195).

2.2. A INTERNET E A EXPANSÃO CULTURAL

A linguagem possibilitou o avanço tecnológico. Foi por conta da forma como o ser humano se apropriou da linguagem e das diversas formas como ela poderia ser expressa que surgiram as tecnologias. Quando o computador surgiu, em meados de 1945, ele tinha o propósito de servir aos militares e de fazer cálculos. Pessoas leigas não tinham sequer acesso a ele, pois não serviria para nenhuma atividade cotidiana. Segundo Lévy (1999), foi por volta dos anos 1960 e 1970 que o uso se difundiu e passou para as massas. Claro que o acesso ainda era muito restrito, levando em consideração que era um objeto caro de se obter. No entanto, a popularização abriu espaço para que mais atividades pudessem ser feitas no computador além de cálculo, a exemplo: leitores de imagens e textos; editores de imagens e textos etc.

O que possibilita que essas ações sejam feitas são os *programas*, que são listas de códigos específicos que são responsáveis por executar determinadas ações: por exemplo, o editor de texto. Só esse programa já foi responsável por possibilitar a escrita a pessoas que, até então, só tinham acesso à leitura. Durante muito tempo, a escrita também era restrita a um grupo de pessoas, realidade que mudou com a chegada da imprensa de Gutenberg - que ampliou o alcance de livros.

Entre as tecnologias criadas pelo homem, está a *internet*. O homem contemporâneo utiliza desta tecnologia para realizar muitas das tarefas cotidianas, como, por exemplo, fazer compras ou se comunicar com outros indivíduos que estão distantes. A *internet* também é responsável por proporcionar lazer, tanto através de jogos quanto pelas redes sociais.

Rüdiger (2008) vai delinear o caminho da cibercultura, começando pelo fato de que, no fim dos anos 1980, já havia a rede, mas que não apresentava aplicabilidade social na vida dos indivíduos e ela só era possível a quem entendia dos códigos. O autor vai dizer que a mudança só ocorreu quando as pessoas passaram a ter computadores pessoais e, em seguida, *Internet*. “A expressão ‘cibercultura’ aparece em sintonia com essa nova fase, vincula-se a um estágio mais avançado do expansionismo tecnológico e maquinístico” (RÜDIGER, 2008, p. 22).

Esse espaço no qual o indivíduo se localizava já não era mais material, portanto, passou a ser considerado ciberespaço. O ser, que também é usuário, passou a se apropriar desse ciberespaço para interagir com outras pessoas e para realizar outras atividades que realizava no espaço físico e material, agora se apropriando de propriedades digitais para realizá-las.

O usuário trouxe consigo para esse ciberespaço todas as suas especificidades e culturas.

A cultura é, noutros termos, o espaço onde sua espontaneidade corporal não-reprimida envereda pelo caminho produtivo da experimentação com novos modos de vida, da criação de novas formas de pensar, mas também aquele onde o homem simplesmente se entrega às formas mais elementares e imediatas de gratificação existencial. (RÜDIGER, 2008, p. 24)

Ou seja, os gostos, os costumes e as tradições. Aquilo que separa e individualiza o ser, mas ao mesmo tempo aquilo que o insere dentro de grupos e comunidades. A *Internet* possibilitou que esses grupos se encontrassem e se conectassem, ampliando à sua maneira suas atividades afins. Pode-se dizer, então, que “a cibercultura poderia ser definida descritivamente como o conjunto de fenômenos de costumes que nasce à volta das novíssimas tecnologias de comunicação” (RÜDIGER, 2008, p. 26). Em outras palavras, podemos inferir que a expansão do que se entende por fanfic se deve hoje à cibercultura. No contexto da fanfic, foi imprescindível que houvesse esse ciberespaço que permitisse não só que o indivíduo tivesse acesso a outras fanfics, mas que ele mesmo pudesse escrever para que outras pessoas pudessem ler. Dentro da cultura e dos grupos sociais, esses indivíduos leitores de fanfic se encontraram e criaram uma comunidade virtual.

As tecnologias digitais surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento. (LÉVY, 1999, p. 32)

Para André de Jesus Neves, em seu livro *Cibercultura e Literatura: Identidade e Autoria em Produções Culturais Participatórias e na Literatura de Fãs (fanfiction)*, “O ciberespaço constitui-se como um ambiente de construção de autores anônimos [...]” (NEVES, 2014, p. 118). Adiante, será abordado como esse espaço modificou a visão de autoria.

2.3. O LEITOR-AUTOR E OS MULTILETRAMENTOS

O Grupo de Nova Londres - GNL – compreende o letramento como uma situação envolvendo a leitura e escrita dentro de uma prática social, com cunho social e cultural, tendo em vista que o sujeito é permeado por esses aspectos. Em seu Manifesto, o grupo defende a necessidade de uma pedagogia que considere não só o ler e escrever, mas também outras abordagens, de modo a reconhecer e mobilizar as “múltiplas formas de comunicação e construção de sentidos, incluindo os modos visual, auditivo, espacial, comportamental e gestual.” (KALANTZIS, COPE; PINHEIRO, 2020, p. 19)

Na era digital e do ciberespaço, ampliaram-se as possibilidades de forma de expressão. Sendo assim, apenas o “letramento”, no sentido inicial de alfabetização, já não é o suficiente. A escola, principalmente, vê o letramento como a ferramenta para preparar o indivíduo para o mundo e, portanto, ensiná-lo a lidar da melhor maneira com as ferramentas que tiver (exemplo - que seria ligar um computador pessoal e navegar pelo *desktop* - até a mais complexa - ser capaz de se cadastrar em uma rede social e navegar pelas páginas e comunidades). A partir dessa visão, é possível compreender que o usuário que possuir diversos letramentos nesse ciberespaço terá maiores oportunidades de ir além daquilo que sabe, lidando com novas situações e gêneros de maneira criativa.

Para o GNL (ROJO, 2012), o termo *multiletramentos* está atrelado à criação de significado por parte do indivíduo, dividindo-se em dois aspectos: “diversidade social”,

considerando que somos cercados e modificados pelo meio em que vivemos, pela cultura, pelas experiências pessoais. Esse primeiro aspecto tende a considerar a diferença multicultural existente; “multimodalidade”, um texto é construído por mais que apenas palavras, ele compreende o visual, auditivo, espacial. Propõe-se que o uso dos demais elementos não seja excluído do texto (KALANTZIS, COPE, PINHEIRO, 2020).

Os multiletramentos carregam consigo a questão das inúmeras culturas, muito presentes na era digital, tendo em vista que cada indivíduo constrói sua personalidade através daquilo com que se identifica, e as formas de expressar essa culturalidade, as diversas semioses e modos linguísticos.

Rojo (2012) cita Canclini (2008[1989]) para explicar que a ideia de cultura foi modificada, ela já não é mais a mesma que pensa cultura como o que é elitista e erudito, mas enxerga as diversas culturas e, de mesmo modo, compreende que ela possa ser híbrida, isto é, agregar características de “outras” culturas e, constantemente, renovar-se. Para Canclini (ROJO, 2012, p. 16), “a produção cultural atual se caracteriza por um processo de *desterritorialização*, de *descoleção* e de *hibridação*”, trata-se basicamente do indivíduo criar sua coleção, levando em consideração essa mistura. Rojo (2012) vai dizer que se espera desse sujeito uma *nova ética*, que deixe de lado a questão de autoria e propriedade, e *novas estéticas*, ou seja, critérios de avaliação calcados nos conhecimentos obtidos sobre determinado assunto ou gênero.

Assim sendo, no contexto de produção de fanfic, essas questões de *nova ética* levam a fanfic a essa fronteira de propriedade. Se um autor de fanfic está utilizando um universo literário que já foi escrito e personagens que já foram criados por outrem, quanto dessa obra realmente pertence a esse autor? Mais uma vez, agora a partir de outra perspectiva teórica, há o conflito de autoria e propriedade.

E as questões de *estética* aqui dizem respeito a quanto esse autor de fanfic teve que conhecer e ler a “obra original” (hipotexto) para poder, não só utilizar do universo literário com propriedade, mas para continuar ou recriar cenas que envolvem um personagem específico que não foi originalmente criado por ele. Os autores de fanfic podem, além de criar personagens que não estejam no hipotexto, por exemplo, transformar uma história de romance de Jojo Moyes em suspense, similar às de

Stephen King.

A "multiplicidade de linguagens, modos ou semioses", como aponta Rojo (2012, p. 18), refere-se aos diversos elementos que podem ser acrescentados ao texto e que auxiliam na ressignificação de sentido. Por exemplo, a diferença de fonte dentro de um texto ou o tamanho dela; a inserção de imagens, vídeos ou *gifs*; a diagramação da página e os recortes que focam ou desfocam algum trecho, entre outros.

Dentro de uma fanfic, esses elementos podem ser acrescentados para complementar o sentido que o(a) autor(a) quis dar. A exemplo, um hiperlink pode ser adicionado em uma descrição de roupa, fazendo com que o leitor clique e seja levado até uma imagem que contenha a roupa detalhada. Dessa maneira, o autor está utilizando outros recursos para que o leitor possa preencher os sentidos do texto. Ainda, pode sugerir uma música que complementa a atmosfera da obra. Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 23) apontam que

os letramentos abrangem, mormente, as formas de lidar com os desafios de ser confrontado com um tipo de texto desconhecido e ser capaz de procurar pistas sobre o seu significado sem a barreira de se sentir alienado por ele e/ou excluído dele [...]

Nesse pensamento, tomando como exemplo os hiperlinks, se o leitor de fanfic se depara com um hiperlink em uma descrição específica e não souber que deve clicar, então ele não vai explorar o sentido completo que o texto pode transmitir.

Nessa era informatizada, Kalantzis e Cope (*apud* REMENCHE; OLIVEIRA, 2019) vão assinalar que existem quatro dimensões: a de *agenciamento*, trata do usuário se tornar um produtor de conteúdo; o que vai abrir espaço para a *divergência*, isto é, possibilitar ao usuário discordar das informações e textos aos quais está exposto; para expressar isso, ele utilizará das *multimodalidades*, que se assemelham a essa multiplicidade de semioses a que se refere Rojo (2012) e o GNL, e que, para Machado (2019), consiste em uma união de diversos modos para a construção de sentido dentro de um texto. Essa união pode utilizar elementos verbais, visuais, sonoros e espaciais; e, como última dimensão, a *conceitualização*, a qual resume o conhecimento do usuário para com as ferramentas que tem, saber utilizar conforme sua necessidade.

Esse *agenciamento* só é possível por conta da *geração “P”*¹ (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020), pois se trata de uma geração que está acostumada a participar, agir, fazer do seu modo. “[...] a geração ‘P’ está cada vez mais familiarizada com personagens de histórias de *videogame* e de *fanfics on-line*, podendo atuar no próprio modo como essas histórias terminam” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 26). Ou seja, a maneira como essa geração lida com a escrita e com a leitura é diferente da maneira que esses conceitos eram tratados antes. Em razão disso, é possível apontar que esses conceitos foram modificados dentro do ciberespaço.

Segundo Barton e Lee (2015), a linguagem é responsável pelas mudanças que vem ocorrendo; e que essas mudanças complexificaram as noções que se tinham de autor e de público.

2.4. LEITOR, AUTOR OU CO-PRODUTOR?

Assim como o ciberespaço só se tornou acessível depois que a aquisição dos computadores pessoais foi democratizada, a leitura só foi popularizada com a produção de textos em massa – que aconteceu depois da criação da imprensa. Depois disso, entrou em cena também a questão de autoria. Antes, uma história era repassada oralmente e não havia preocupação com o lugar de origem dela, mas esse contexto foi modificado com a chegada da massificação das produções. Uma pessoa poderia ter sua história produzida e compartilhada com mais facilidade, tendo a chance de colocar seu nome para determinar a propriedade da obra.

Para Koch e Elias (2013), as concepções de autor, leitor e texto dependem de onde o foco de análise se estabelece – além, claro, de considerar qual perspectiva de língua e sujeito estão sendo abordadas. Quando o foco se encontra no autor, a língua nada mais é do que um transmissor do pensamento. Ou seja, o leitor é passivo, pois a ele cabe apenas absorver o sentido do texto que foi empregado pelo autor. Já quando o foco é dado ao texto, a língua se torna um mero código a ser decodificado pelo leitor. Então, basta que o leitor tenha conhecimento desse código para que

¹ Geração “P” engloba “participantes ativos, que resolvem problemas, que inovam, que calculam riscos, que criam.” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 27). Para Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), o “P” advém de “participativos”.

imprima sentido no texto. Nessas visões, Koch e Elias (2013, p. 10) afirmam que “o leitor é caracterizado por realizar uma atividade de reconhecimento, de reprodução”, ou seja, o leitor é passivo e não impõe sua vivência ou experiência diante da leitura do texto. Ele não é capaz de formular um sentido por si próprio, pois depende do conhecimento do código ou da intenção do autor.

No entanto, na concepção interacional, os três (autor-leitor-texto) criam uma relação para que o sentido seja construído na interação. Nessa perspectiva, Koch e Elias (2013) retomam as ideias de Bakhtin de que o sujeito se constrói por meio de relações dialógicas, isto é, por meio da interação. Portanto, é um sujeito ativo. E, para esse sujeito leitor, a leitura passará a ser “uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos” (KOCH; ELIAS, 2013, p. 11) e que “leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor” (KOCH; ELIAS, 2013, p. 11), quer dizer, ele terá de trazer para o texto conhecimentos de mundo e vivências para esse processo.

Refletindo a questão de autoria, para Bakhtin (FARACO, 2012) o autor é diferenciado entre *autor-pessoa*, que seria o escritor em si, a pessoa artística, e o *autor-criador*, que seria basicamente o narrador da história, aquele que dá voz à vida do *herói*. Bakhtin vai dar mais importância ao *autor-criador*, pois ele é “um constituinte do objeto estético” (FARACO, 2012, p. 37) da obra. É a ele que será atribuída a função de descrever o mundo do herói e sua vida, sendo gentil ou não, distante (3º pessoa) ou próximo (1º pessoa).

De acordo com Bakhtin, as histórias são transposições, feitas pelo *autor-criador*, de acontecimentos reais para o “plano axiológico (o plano da obra)” (FARACO, 2012, p. 38). Esses acontecimentos são reorganizados e finalizados, portanto, esse autor tem um papel ativo.

O autor-criador é, assim, uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque é a partir dela que se recorta e se reordena esteticamente os eventos da vida. (FARACO, 2012, p. 39)

Bakhtin vai apontar que, para a obra, será utilizada outra linguagem que não a do *autor-pessoa* ou do *autor-criador*, pois para ele “O escritor é, então, a pessoa capaz de trabalhar numa linguagem enquanto permanece fora dessa linguagem” (FARACO, 2012, p. 40). Faraco (2012, p. 40) explica que

No ato artístico, há, então, um complexo jogo de deslocamentos envolvendo as línguas sociais, pelo qual o escritor (que é aquele que tem o dom da fala refratada) direciona todas as palavras para vozes alheias e entrega a construção do todo artístico a uma certa voz.

Além dos outros aspectos de um romance, apontados por Bakhtin, Volóchinov vai dizer que são três os constituintes: autor, herói e receptor. Este último é “a função estético-formal que permite transpor para o plano da obra manifestações do coro social de vozes” (FARACO, 2012, p. 44), isto é, o receptor carrega o papel de “quem lê” o texto e seus pré-julgamentos e ideias.

Pensando no autor do ciberespaço, Neves (2014, p. 128) vai apontar que “formas colaborativas de produção via web introduzem uma nova conceituação/concepção de autoria” e essa nova concepção denota “o surgimento de um autor coletivo, colaborativo, participativo e aberto a novas elaborações.” (NEVES, 2014, p. 129). Neves (2014, p. 130) segue na linha bakhtiniana quando afirma que “[...] a autoria no ciberespaço constitui-se numa relação dialógica [...], numa construção coletiva, numa inserção do eu no outro, ou no discurso do outro.”

Debruçando agora na questão do leitor, Maingueneau (2015, p. 166) alega que “A textualidade *navegante* é a da Web, que implica uma transformação da própria noção de 'leitura': é cada internauta que, pelas escolhas que efetua durante sua navegação, fabrica o hipertexto que 'lê'.". Assim sendo, de acordo com o pesquisador, não é somente o autor o responsável pela construção do texto na Web. Entretanto, ele aponta que “a noção de redação individual é afetada” (MAINGUENEAU, 2015, p. 175), pois os textos deixam de lado a originalidade, tendo em vista que essas redações passam a ser mais cópias de fragmentos do que pensamentos próprios.

Maingueneau (2015, p. 177) argumenta que essas produções textuais virtuais carregam muita problemática, pois não passam pelo crivo de editores, gráficos, críticos especializados e são aclamados por anônimos sem as devidas credenciais. Ou seja, para o linguista, esses textos, além de dificultarem “a constituição de uma imagem consistente de autor” ainda tornam o entendimento de obra “problemática”.

Já de acordo com Neves (2014, p. 137), a construção de leitor do ciberespaço é concomitante à “construção do autor coletivo, uma vez que o leitor é ou pode se

tornar autor.” E esse autor, segundo Neves (2014), outrora leitor, é responsável por desfazer a obra e desconstruí-la.

Aqui, o leitor (re)nasce com a desconstrução do autor e da obra, surge um leitor/autor, um sujeito paradoxal, que gera um ciclo de reconstrução numa relação ambivalente de leitura e autoria. O leitor de *fanfiction* aparece, neste contexto, como um casulo, a partir do qual novos autores aparecem. [...] Autor e obra são desconstruídos para que novos sentidos lhes sejam atribuídos. (NEVES, 2014, p. 138)

A *fanfiction* se trata de um gênero que mexe com a autoria e com a concepção de leitor. Essa fluidez que o gênero promove leva a um questionamento sobre esses conceitos.

Para Genette (1986), estes [os gêneros] se transformam com o passar do tempo e passam por um processo de hibridização e de “atualização”. Logo, todo gênero pode conter outros gêneros numa relação de simbiose ou hibridismo como acontece muito no meio digital [...] (SANTA, 2021, online, p. 210)

Assim como o gênero, a leitura e a escrita passaram por diversas mudanças com a chegada da tecnologia. Essas mudanças levaram a escrita e a leitura a um patamar de hibridização, também. Ou seja, o leitor de antes não é o mesmo de agora. O leitor de hoje pode, se assim desejar, se tornar um produtor. Não só em relação à *fanfic*, mas diante de produções audio-visuais, por exemplo.

Como abordado acima, a *geração “P”*, exposto por Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), trabalha com a leitura e escrita de uma maneira diferente da que era anteriormente. Eles se apropriam do que consomem, transformando e moldando da forma que desejam ver/ouvir/consumir. Remenche e Oliveira (2019, p. 217) apontam que no cenário das quatro dimensões, “as *fanfics* ganham relevo ao possibilitar ao leitor não apenas consumir (hipotexto), mas também atuar como produtor de conteúdo (hipertexto), seja por meio de comentários ou de produções próprias.” É possível inferir, então, que a escrita colaborativa deu início da mesma forma, sendo impulsionada por essa era plural.

As dimensões que mais propiciam a Escrita Colaborativa são *agenciamento* e *divergência*. Aquele, pois necessita de um usuário ativo, que seja produtor de seu

próprio conteúdo; “o sujeito não apenas lê, ouve e assiste, como também comenta, produz, transforma e colabora para a construção de uma nova produção [...]” (REMENCHE; OLIVEIRA, 2019, p. 216). Neste ponto, torna-se complexo apontar quem é o produtor e quem é o consumidor, porque aqui o consumidor se torna ativo; ele se apropria daquilo que foi criado para transformar em algo próprio. Essa nova produção não seria possível sem a *divergência*, que move o usuário produtor diante daquilo que vê/consome. Essa dimensão mostra a quebra que há entre a era da homogeneização para uma divergente (REMENCHE; OLIVEIRA, 2019); assim como possibilita que discursos diferentes tenham “um lugar à mesa”.

No contexto da fanfic, o leitor-autor se vê diante desse embate, em que se depara com o hipotexto, mas discordando em algum aspecto daquilo que lê. Um escritor e/ou leitor de fanfic é um ser divergente. Ele é um conhecedor do hipotexto, aprecia-o, é um conceitualizador, que só consegue dar continuidade ao seu trabalho a partir do momento que domina o hipotexto.

Como postulam Barroso e Coutinho (2008:2), a escrita colaborativa pode ser definida como um processo no qual autores com diferentes habilidades e responsabilidades interagem durante a elaboração de um documento. [...] A produção de um texto de forma colectiva é um processo que exige partilhar ideias, confrontá-las com as dos outros e entrar em negociações para chegar a um consenso, o que conduz ao desenvolvimento do pensamento crítico. (FERNANDES *et al.*, 2010, p. 36)

A fanfiction possibilita o trabalho “individual” ou coletivo, isso dependerá da intenção do escritor de fanfic — esse leitor-autor. De qualquer forma, a fanfic pode ser vista como um trabalho colaborativo. Primeiro, o leitor de fanfic — o leitor-autor — está em um constante trabalho junto com o autor do hipotexto, sem que esse autor tenha conhecimento. Então, “individual” aqui se refere ao leitor-autor escrever sem a influência de outros leitores do hipotexto. Pensando no coletivo, se o leitor produtor resolve trabalhar com os leitores de sua fanfic — dependendo de uma resposta ativa desses leitores por meio dos comentários —, ele abre espaço para que sua escrita seja coletiva, não só dependa de suas ideias para construir essa nova narrativa.

Em ambas as realidades, é possível apontar a fanfiction como um exemplo da escrita colaborativa, pois se vê diante de um confronto de ideias e uma negociação

(FERNANDES *et al.*, 2010) daquilo que vai ser colocado dentro da fanfic ou deixado de lado.

Nessa perspectiva, Barthes (2004) sugere que o texto é “[...] um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações, saldadas dos mil focos da cultura”. Esse pensamento dialoga com a concepção da Escrita Colaborativa, pois pensa o texto como uma colcha de retalhos, sendo tecida a partir de diversos fragmentos.

Nenhum texto teve início em si mesmo, ou seja, todos eles provêm de algum lugar. J. K. Rowling, ao escrever Harry Potter, se apropriou de textos que consumiu antes e os transformou para que, dali, saísse a saga de um jovem bruxo. Da mesma forma, na escrita colaborativa, há essa busca pelo que já foi visto e um confronto com ideias novas que podem converter o texto de outrem em seu.

[...] o escritor não pode deixar de imitar um gesto sempre anterior, nunca original; o seu único poder é o de misturar as escritas, de as contrariar umas às outras, de modo a nunca se apoiar numa delas. (BARTHES, 2004)

Nessa visão de Barthes (2004), evidencia-se a predominância da *divergência*. Mesmo que o leitor-autor de fanfic esteja se apoiando na escrita de outra pessoa, está modificando aquilo, tornando seu. Um exemplo dentro da narrativa de Nina Santos, a autora da fanfic “Amando o Inimigo”, é que ela se apodera do universo de Harry Potter, da possibilidade de criar feitiços e magias, e cria algo original: *Periculum Siderea*. No universo de J. K. Rowling, *Periculum* é um encantamento que possibilita ao bruxo sinalizar quando está em perigo, funcionando semelhante a um sinalizador. Já na história em “Amando o Inimigo”, *Periculum Siderea* é um laço de almas, duas pessoas destinadas a serem um par, um casal — com uma conexão tanto emocional quanto física. Nina Santos buscou em J. K. Rowling um meio termo para que pudesse criar algo original dentro de algo apropriado.

[...] o leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas este destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; é apenas esse alguém que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito. (BARTHES, 2004)

Uma das possibilidades é a de Nina Santos ter encontrado o restante de sua escrita em demais textos aos quais teve contato. Fazendo, então, diversas negociações. Dessa forma, ela se apropriou de outros textos, além daqueles de J. K. Rowling. Os autores desses textos perdem a autoria no momento que ela os lê, pois o sentido que ela cria desses textos tem a ver com a bagagem que carrega. Portanto, “[...] sabemos que, para devolver à escrita o seu devir, é preciso inverter o seu mito: o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor.” (BARTHES, 2004).

Há quem diga que a “morte do autor” se concretizou quando os escritos a várias mãos começaram a aparecer nas comunidades do orkut (assim, com minúscula mesmo, conforme Foggetti, 2008) ou quando os autores de blogues de ficção pediam aos seus leitores que lhe sugerissem rumos para a história que estava sendo contada. (SANTA, 2021, online, p. 218)

Com a morte do autor do hipotexto, na realidade, nascem diversos novos autores de hipertexto. E, dessa forma, vão nascendo e morrendo, para que novos leitores se apropriem daquilo que consomem e recriem.

O *agenciamento* postula que houve uma mudança para que o sujeito saísse desse lugar de absorção e passasse para o lugar participativo. Enquanto a *divergência* fez o papel de agente incentivador, para colocar em movimento esse leitor-autor. Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 26) apontam que a geração anterior estava habituada a ser espectadora, enquanto a *geração “P”* “está cada vez mais familiarizada com personagens de histórias de *videogame* e de *fanfics on-line*, podendo atuar no próprio modo como essas histórias terminam.”

Enquanto a geração anterior expandia seu tempo livre com hábitos de leitura, mais do que com a escrita, o tempo livre da geração “P” é preenchido tanto com a leitura quanto com a escrita, já que ambas estão fundidas em práticas integradas de mensagens de textos e em redes sociais. (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 26)

Então, com a *Geração “P”*, de Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), compreende-se que houve uma hibridização entre o autor e o leitor — produtor e consumidor. Não se pode mais colocar ambos em configurações isoladas, pois, em algum ponto, ao entrar em contato com o texto, o leitor da *Geração “P”* tem a chance de se transformar

no autor de algo novo. Ou seja, a linha entre autor e leitor fica complicada de distinguir a partir do momento que esse leitor se torna produtor de uma obra colaborativa.

A seguir, será explanado o gênero fanfiction e suas particularidades.

2.5. FANFICTION: O GÊNERO NA BNCC

De acordo com Bakhtin (2003[1979] *apud* SILVEIRA; ROHLING; RODRIGUES, 2012, p. 49), os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Para Bakhtin e Volóchinov (2006), para haver enunciado/linguagem é preciso que haja interação, isso implica pensar que cada situação interativa exigirá uma postura e características específicas as quais uma pessoa deverá seguir. Para Bakhtin, nessas práticas sociais o contexto é importante, pois “os gêneros discursivos são formas comunicativas que não são adquiridas em manuais, mas sim nos processos interativos” (MACHADO, 2013, p. 157). Os gêneros são, basicamente, formas e modos de se expressar e se adequar a cada situação.

Bakhtin diferencia os gêneros em primários e secundários (MACHADO, 2013). Aqueles abarcam as práticas orais (como, por exemplo, diálogo, entrevista, monólogo), e estes as que envolvem escrita (romance, artigos). Ele diz que os secundários são mais complexos - podendo conter os gêneros primários - “porque são elaborações da comunicação cultural organizada em sistemas específicos como a ciência, a arte, a política” (MACHADO, 2013, p. 155).

O gênero discursivo “é dispositivo de organização, troca, divulgação, armazenamento, transmissão e, sobretudo, de criação de mensagens em contextos culturais específicos” (MACHADO, 2013, p. 158), ou seja, os gêneros são eventos que acontecem de determinado jeito dentro de uma cultura. Portanto, eles podem mudar de acordo com a cultura que estejam sendo expressos.

Para definir os gêneros discursivos, um dos aspectos destacados é o fato de que eles transitam por todas as atividades humanas e devem ser pensados, culturalmente, a partir de temas, formas de composição e estilo. Isso significa que, além da atividade literária, todas as demais atividades implicam gêneros e, conseqüentemente, estilos. (BRAIT, 2012, p. 88)

Desta forma, compreende-se que o gênero é constituído de: conteúdo temático, ou seja, o assunto que vai abordar; estilo, basicamente, a escolha lexical; e construção composicional.

De acordo com Brait (2012, p. 80), o estilo é muito importante no contexto bakhtiniano de dialogismo, pois ele vai diferenciar o autor/locutor nessa “fronteira em que o eu/outro se interdefinem, se interpenetram, sem se fundirem ou se confundirem.” Ademais, Brait (2012) vai explicar que, para Bakhtin, o estilo leva em conta o destinatário, pois seu enunciado vai depender “do modo que o locutor percebe e compreende seu destinatário” (BRAIT, 2012, p. 95); entretanto, o herói criado pelo autor também se vê responsável pelo estilo da obra em que está empregado (BRAIT, 2012). Todavia, torna-se errôneo determinar que o estilo esteja ligado somente ao indivíduo, pois Brait (2012, p. 83) esclarece que o estilo está aquém do sujeito, “inscreve-se na língua e nos seus usos historicamente situados.”

Referindo-se ao gênero, Bakhtin (BRAIT, 2012, p. 89) expõe que nem todos eles são compatíveis com o “estilo individual”, alegando que “os mais propícios são os literários”.

Os gêneros se constroem em razão das tradições e das culturas; eles se modificam e dão origem a outros gêneros similares, mas que incorporam técnicas e características de sua contemporaneidade. Como, por exemplo, o surgimento do Romance, que adveio da Epopeia. A intenção do Romance era, como já mencionado, transpor cenas da realidade para o plano ficcional.

Na cibercultura e dos multiletramentos, esse surgimento de novos gêneros torna-se comum; em razão dessa mistura, vão ser categorizados como híbridos (ROJO, 2012), por se encontrarem sempre em contato com outras culturas e outros gêneros. Por exemplo, foi a partir do Romance que o surgimento da fanfic se tornou realidade.

Neves (2014) vai apontar que o advento da WEB 2.0 se tornou responsável pela ascensão da cultura de fã e que o ciberespaço, então, propicia “um ambiente de fluxo de produção e trocas, no qual a produção literária encontra espaço para novos escritores de ficção, os ficwriters.” (NEVES, 2014, p. 108)

Para contar um pouco sobre o surgimento da fanfic, é necessário debruçar-se sobre o fato de que ela surgiu graças às Fanzines - revistas feitas por fãs sobre seus

seriados ou desenhos favoritos, eram principalmente de ficção científica. Neves (2014) relata que as fanzines datam do século XX, mas que no século XIX já existiam publicações nesse mesmo estilo; o termo, entretanto, só foi cunhado em 1940. Nos anos de 60 e 70, as fanzines estavam em voga, porém “com o surgimento de leis de direitos autorais em diversos países, essa prática tornou-se rara, até o surgimento, em seguida, das *fanfics*” (NEVES, 2014, p. 87).

Para descrever um pouco a fanfiction,

As fanfictions ou simplesmente *fanfics* são histórias alternativas em prosa (somente texto, o que já diferencia um pouco dos *fanzines*) escritas por fãs de determinada série ou *fandom*. Nelas, o autor (ou autores) pode colocar os conhecidos personagens das mais variadas séries (sejam elas de *mangás*, *hqs*, *games*, etc) e livros em novas situações. As situações podem variar de pequenos contos a sagas, dependendo da escolha do autor. Pode-se também criar finais alternativos para os personagens, explorar melhor personagens secundários e colocar os personagens em situações novas que não existiam na obra original. (NEVES, 2014, p. 100)

As fanfics se popularizaram graças a cibercultura, em razão das comunidades que foram surgindo para divulgação das histórias originais - hipotexto, segundo Remenche e Oliveira (2019) -, as pessoas passaram a divulgar também as histórias que criavam baseadas no que as unia (fanfictions).

A fanfiction, como gênero, pode se dividir em algumas categorias. Entre elas:

- Crossover: que une mais de um fandom;
- Deathfic: em que algum dos personagens principais morre;
- Drabble: que pode conter 150, 300 ou 500 palavras;
- Femslash: retrata o relacionamento entre mulheres;
- Hot/Lemon: com cenas de atos sexuais;
- Longfic: que contém mais de 10 capítulos;
- Oneshot: escrita em 1 capítulo;
- Slash: relacionamento entre homens;
- Songfic: que é inspirada em uma música ou contém trechos de música;
- Universo Alternativo: que modifica o universo do personagem (do hipotexto).

3. O PERCURSO DA PESQUISA

Esta pesquisa, de caráter qualitativo-interpretativista, tem por objetivo analisar os deslizamentos das concepções autor-leitor no gênero fanfiction. De acordo com Chizotti (2003), a pesquisa qualitativa acontece no campo – onde o pesquisador observa e analisa seu corpus e extrai dele seus significados. Segundo Minayo (2012), o pesquisador e autor precisa estar munido de suporte teórico para não ser facilmente influenciado por aquilo que encontrar no campo, mas ao mesmo tempo ser sensível e aberto ao que for encontrar.

Nessa perspectiva, a análise ocorrerá a partir dos seguintes parâmetros: polifonia de vozes, de Bakhtin (BEZERRA, 2012); as quatro dimensões, de Kalantzis e Cope (REMENCHE; OLIVEIRA, 2019); escrita colaborativa, (FERNANDES *et al.*, 2010); e a hibridização autor-leitor (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020).

Quadro 1 - Parâmetros de análise

Parâmetro	Descrição	Referência
Polifonia	A contribuição da multiplicidade de vozes na construção de uma obra.	BAKHTIN (BEZERRA, 2012)
Quatro dimensões	- Agenciamento (o leitor se tornar produtor); - Divergência (discordar daquilo que está no texto); - Multimodalidades (múltiplas semioses); - Conceitualização (o conhecimento acerca das ferramentas).	COPE; KALANTZIS (REMENCHE; OLIVEIRA, 2019)
Escrita Colaborativa	Prática de negociação/acordo feito entre os autores e co-criadores da obra.	(FERNANDES <i>et al.</i> , 2010)

Hibridização autor-leitor	Geração “P” e o consumidor que se torna produtor.	(KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020)
---------------------------	---	-----------------------------------

Fonte: Autoria própria.

Para esta análise, foi selecionada uma fanfiction que constituirá o corpus dessa pesquisa. A fanfic pertence ao *fandom* de livro da saga Harry Potter: “Amando o Inimigo”, por Nina Santos. O fato da fanfic ser baseada em um livro permite que a questão de polifonia de vozes seja analisada comparativamente.

3.1. O CORPUS: HARRY POTTER E “AMANDO O INIMIGO”

A fanfic, “Amando o inimigo”, de Nina Santos, é do universo de Harry Potter. A série, que foi escrita por J.K. Rowling, conta de Harry Potter, um garoto órfão, que perdeu os pais quando tinha um ano de idade e foi morar com os tios. Aos 11 anos, ele recebe uma carta da Escola de Magia Hogwarts. Ele fica feliz, passando a entender as coisas estranhas que consegue fazer só ao desejar. Seus tios, com raiva, somem com a carta. No entanto, mais e mais cartas chegam. Eventualmente, Harry acaba indo para Hogwarts. Lá, ele aprende que seus pais eram bruxos muito famosos e morreram na Primeira Guerra Bruxa para salvar sua vida. A cicatriz que ele carrega é uma prova da luta que houve contra Voldemort – o Lorde das Trevas. Desde aquele dia, o Lorde é dado como morto.

Assim que Harry Potter chega em Hogwarts, ele faz amizade com Ronald Weasley, Ron, e Hermione Granger, Mione. Ronald Weasley vem de uma família numerosa, pobre e que adora os trouxas – aqueles sem magia. Hermione é filha de pais trouxas, mas a mais inteligente e considerada uma das melhores bruxas. Os três vão enfrentar ameaças que passam despercebidas pelo Ministério da Magia e só podem ter um inimigo por trás – Voldemort. Desde seu primeiro ano na escola, Harry Potter vai sofrer com as implicações e competições de Draco Malfoy. O garoto de cabelos prateados vem de uma família preconceituosa, que não aceita os “sangue-ruins”, ou seja, aqueles bruxos que vem de famílias trouxas, e que secretamente

apoiam a volta de Voldemort. Draco vai fazer tudo que puder para prejudicar Harry Potter e se sair melhor, desde fazer seu pai patrocinar o time de Quadribol para que possa competir contra Harry Potter, até falar mal de Harry para o jornal bruxo.

Há uma profecia que diz que Harry Potter será o responsável por destruir o Lorde das Trevas. Então sobra para Harry Potter derrotar Lorde Voldemort, mas para isso ele descobre que precisará eliminar hórcreuxes criadas pelo Lorde das Trevas. Harry Potter tem que ir atrás de cada uma das horcruxes que Voldemort criou. Elas são objetos que retém um pedaço de sua alma assim que ele mata alguém, dessa forma, ele consegue se manter seguro mesmo que tentem matá-lo. Voldemort cria 7 delas.

Nessa busca, Harry vai contar com a ajuda de seus amigos, e de Alvo Dumbledore – diretor de Hogwarts há anos e um dos bruxos mais brilhantes de todos os tempos. Juntos, eles vão eliminar uma das hórcreuxes. No entanto, Dumbledore vai acabar adoecendo. Ele sabe que está para morrer e isto é do desejo do Lorde das Trevas. Quando descobre que o designado para lhe assassinar é Draco Malfoy, ele pede a Severo Snape concluir a missão. Severo é um professor de Hogwarts, ao mesmo tempo um agente duplo. Ele era seguidor de Voldemort, que foi profundamente apaixonado pela mãe de Harry Potter. O assassinato de Dumbledore acontece porque Draco Malfoy possibilita a entrada dos Comensais da Morte – seguidores de Voldemort – para dentro de Hogwarts.

Após destruir todas as hórcreuxes com a ajuda de seus amigos, Harry descobre, em meio a Segunda Guerra Bruxa, que ele é uma das hórcreuxes que Voldemort criou sem querer e precisa ser morto pelas mãos do Lorde. Aceitando seu destino, Harry se entrega, mas conta com a ajuda da mãe de Malfoy quando ressuscita. Em uma reviravolta, ele entra num confronto direto com Voldemort e o mata.

A fanfic “Amando o Inimigo” está hospedada no site FanficObsession (FFOBS), que possui a opção de interatividade, ou seja, do leitor inserir o nome de personagens à sua escolha por meio de um SCRIPT específico; pop-ups surgem na tela assim que abre o navegador, onde serão digitadas as informações a serem acrescentadas na fanfic. A escolha da autora deste trabalho para o nome da personagem principal é Caroline Lux, e de sua coruja, Airye.

“Amando o Inimigo” tem 18 capítulos e um epílogo. A narrativa relata a história

de Caroline Lux, uma bruxa nascida em família trouxa, que vai para a Escola de Magia Hogwarts. O enredo se passa no sexto ano da escola, ou seja, quando a personagem tem 16 anos de idade. No universo de Harry Potter, a história se passa no livro/filme número seis: Harry Potter e o Enigma do Príncipe.

Carol ingressa na Escola de Magia Hogwarts, no mesmo ano em que Hermione Granger, Ronald Weasley, Harry Potter e Draco Malfoy. Por ser muito amiga de Hermione, Rony e Harry, Caroline odeia Draco Malfoy. Além do fato dele odiar os *sangue-ruim*, nome dado aos nascidos de pais não-bruxos, Draco e Caroline se odeiam por estarem de lados opostos na rivalidade entre Sonserina e Grifinória, a casa deles, respectivamente.

No entanto, desde que o viu pela primeira vez, Carol sente uma paixão e uma ligação com Draco. É só quando estão no sexto ano da escola que eles acabam se aproximando. Caroline começa a ter sonhos estranhos envolvendo Draco, e acha que está alucinando. Mas é quando seus sentimentos ficam mais fortes em relação a ele, que ela decide se aproximar.

Caroline arranja um namorado, Robert Colfer, o que mantém Draco afastado. Mas quando ela descobre que está sendo traída, Draco está lá para declarar seu amor por ela. Os sentimentos que Carol tinha crescem, ela passa a sentir cada vez mais o que Draco sente e vê coisas que ele vivencia. Até que ela descobre a razão: *Periculum Siderea* (uma ligação mágica raríssima, que os une física, emocional e mentalmente).

O que Draco sente, Carol sente. O que ele teme, ela teme. Eles vivem um relacionamento escondido, porque Draco é inimigo de seus amigos. Até que tudo começa a desmoronar.

Tanto no livro de J.K. Rowling quanto na fanfic, Draco se torna um Comensal da Morte, incumbido de assassinar Dumbledore, o diretor de Hogwarts. Sabendo que algo está errado, Carol pede ajuda a seus amigos para tentar impedir Draco, mas não consegue. Indo atrás dele depois, ela insiste para que ele a leve junto para a Mansão Malfoy - onde está o Lorde das Trevas, porque eles já não conseguem mais ficar longe devido ao *Periculum Siderea*.

Draco leva Caroline junto, mesmo contra o que Severo Snape, professor de Hogwarts e espião de Voldemort, sugere. Voldemort percebe que Caroline é da Grifinória e amiga de Harry Potter e a tortura com *Crucius* para revelar se sabe algo

da Ordem da Fênix e de Harry Potter. (*Crucius* é uma maldição com o propósito de infligir dor, ela serve para torturar inimigos; Ordem da Fênix é o grupo que se levanta contra Lorde Voldemort). A garota não sabe nenhuma informação sobre os dois, então é assassinada na frente de Draco Malfoy, seu par.

O epílogo é narrado por Draco. Ele está diante do túmulo de Caroline, prometendo vingança. Planejando assassinar Voldemort.

Como visto anteriormente, as fanfictions são “histórias que fãs escrevem sobre personagens ou universos ficcionais de que gostam.” (NEVES, 2014, p. 110). Elas, normalmente, são hospedadas em sites online, que tem como objetivo divulgar fanfics para os demais fãs. Cada site é estilizado à sua própria maneira, por exemplo, há comandos no site FFOBS que os demais não tem, e vice-versa. Esses comandos do site podem modificar a experiência que o leitor vai ter durante a leitura. Abaixo seguem os recursos presentes no site FFOBS.

Quadro 2 - Elementos do site de fanfic

Elementos	FFOBS
-----------	-------

Layout	<ul style="list-style-type: none"> - Imagens de personagens e celebridades; - Redes sociais do site; - Links: home, fictions, leitores (com as subdivisões de enviar a fic, FAQ e entender o FFOBS), destaques, informes (autoras, mais lidas, tutoriais), site (história do site, equipe, parceiros e agradecimentos), contatos; - Categorias mais acessadas; - Destaques (CAT FFOBS, Mídia Kit, Retirar fanfic, Autora VIP); - Testes para: betas, capistas, scripters, equipe de indicação; - Fanfics retiradas ou abandonadas; - Destaques de VIP do mês, fiction do mês, aposta, autora do mês, shortfic do mês, ficstape do mês; - O <i>feed</i> compõe as atualizações, ou seja, entrada das fanfics em andamento ou das já finalizadas; - Mais lidas (lista com 15 fics); - Destaques VIP; - Autoras VIP (indicação); - Mais lidas VIP (lista com 17 fics); - Barra de busca; - Status do site (data de criação, URL, número de visitas já feitas ao site e número de usuários online); - Destaques de comentários feitos pelos leitores.
Categorias	<ul style="list-style-type: none"> - 19 categorias comuns (Anime, Apresentadores, Atores, Bandas, Cantores, Doramas, Esportes, Filmes, Hein?!, Heróis, J-Pop, Jogos, K-Pop, LGBTQIA+, Livros, Originais, Realeza, Restritas e Seriados); - 6 categorias especiais (Especiais, Ficstape, Mixtapes, Music Video, Challenges e Concurso de Contos); - Gênero: Aparecem dentro das categorias, não é possível pesquisar por gênero; - Progressão/tamanho: Em andamento, finalizadas e shortfics.

Serviços	<ul style="list-style-type: none"> - Beta-readers; - Capistas; - Helpers; - Scripters; - Indicação; - Equipe de ajuda para criação de título e sinopses/pitaqueiras; - Staff; - Aulas de português.
Cadastro	Não possui.
Interatividade	Permite ao leitor mudar os nomes e características dos personagens (de acordo com as possibilidades ofertadas pela autora da fanfic) por meio de pop-ups.

Fonte: Autoria própria.

No próximo capítulo, será apontado como os recursos multimodais influenciam na maneira como o leitor-autor se move desse lugar de leitura para o de criação. Além disso, como os demais conceitos de Polifonia, Agenciamento, Divergência, Conceitualização e Hibridização corroboram para esse deslocamento.

4. O LEITOR QUE TAMBÉM É AUTOR: RESULTADOS DA ANÁLISE

Para analisar o deslizamento do leitor para autor, foram utilizados quatro critérios. O primeiro deles, Polifonia, de Bakhtin (BEZERRA, 2012). Com este, compreende-se que há múltiplas vozes presentes nos textos; o segundo, as quatro dimensões (agenciamento; divergência; multimodalidade e conceitualização) de Cope e Kalantzis (REMENCHE; OLIVEIRA, 2019), mostrarão como essas dimensões impulsionam o leitor a se tornar autor de sua própria obra; o terceiro, Escrita Colaborativa (FERNANDES *et al.*, 2010), a maneira que os autores, especialmente de fanfic, precisam chegar a um meio termo acerca daquilo que vai ser trazido do hipotexto para o hipertexto; por fim, Hibridização, como o leitor se transforma em autor.

É necessário reforçar que a fanfiction selecionada, “Amando o Inimigo”, se mantém fiel a grandes acontecimentos dentro da narrativa e, essencialmente, a ordem cronológica do filme. Entretanto, altera o destino do personagem Draco Malfoy em relação à série escrita por J.K. Rowling.

Para começar, a personagem Caroline, de “Amando o Inimigo”, não faz originalmente parte do universo Harry Potter (HP). Caroline Lux e Robert Colfer são personagens criados por Nina Santos para criar uma vertente da história de Draco Malfoy. Na série de HP, J.K. Rowling, a autora, não deu a Draco Malfoy um par romântico. A única visão que temos de Draco é de seu envolvimento com as trevas – e, por consequência, Voldemort.

4.1. POLIFONIA

Na fanfiction, tem-se o ponto de vista de Caroline, a história sendo narrada em primeira pessoa. Dessa forma, é possível notar esse envolvimento com as trevas pelo ponto de vista de Caroline. Ela sente tudo que Malfoy não diz e consegue ver fragmentos de sua missão. Ela sabe quem foi que envenenou a bebida que deveria ser entregue para Dumbledore, viu quando Draco recebeu a Marca Negra no braço (marca dos Comensais da Morte), sonhou com ele dentro da Sala Precisa tentando fazer o armário funcionar para que os Comensais da Morte entrassem em Hogwarts.

A história de HP é narrada em terceira pessoa. J.K. Rowling tinha o interesse de contar a vida de Harry Potter e mostrar o universo no qual ele estava inserido, dando voz a personagens que não faziam parte direta de seu contexto, como o Ministro da Magia. Por exemplo, no começo do sexto livro, “Harry Potter e o Enigma do Príncipe”, a mãe e a tia de Draco Malfoy vão até Severo Snape para pedir que ele proteja Draco diante da missão do garoto. Se a narrativa fosse do ponto de vista de Harry Potter, seria necessário que ele estivesse presente na cena ou, então, que tivesse acesso aos pensamentos de um dos personagens – como na fanfic, em que Caroline tem acesso aos pensamentos de Malfoy.

O caminho escolhido por Caroline durante da fanfic, que a leva a morte, demonstra que ela possui uma voz dissonante da de Nina Santos como autora. Nina Santos é apenas a regente de “Amando o Inimigo” e a voz de Caroline é “chamada à interação” com as demais (PIRES; TAMANINI-ADAMES, 2010). Como Caroline Lux não é uma personagem criada por J.K. Rowling, cabe a Nina Santos dar voz a ela. Da mesma forma, será possível notar as nuances de Malfoy que não foram possíveis ver em Harry Potter, por exemplo, seu lado romântico. Para Bakhtin (BEZERRA, 2012), a polifonia revela os personagens em permanente evolução, essa característica está presente em Caroline. A polifonia é responsável por dar voz às personagens, cada qual possui uma personalidade, portanto é natural haver confronto de ideias (BEZERRA, 2012). No começo da fanfic, Lux não gosta de Malfoy, tanto que eles acabam discutindo duas vezes, mas, com o passar do tempo, eles vão se entendendo apesar de estarem em lados opostos da Batalha de Hogwarts. Por fim, ela se interessa por ele e arrisca a própria vida por isso.

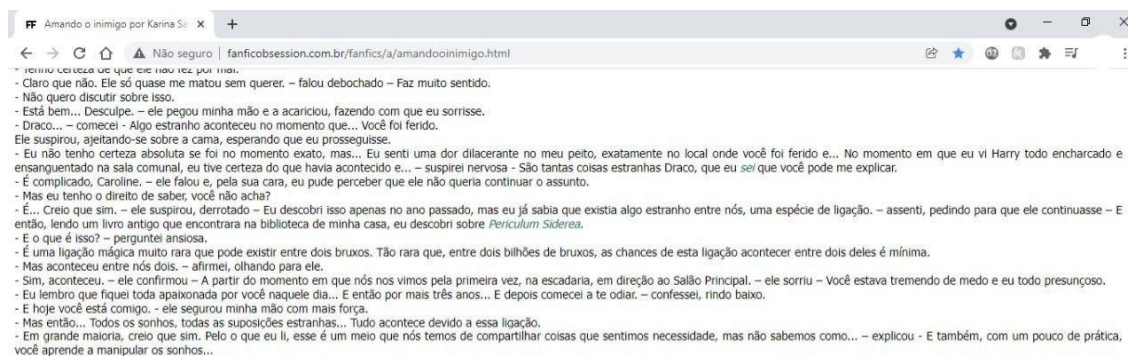
Caroline fez parte da Armada de Dumbledore no quinto ano, que foi um grupo criado por Harry, Ron e Hermione para aprender sobre feitiços de defesa, pois tinha se tornado proibido em Hogwarts devido a mudança na diretoria. Outros alunos também participaram da Armada, mas além dos amigos de Harry, nenhum deles teve a mesma relevância na trama. Então, aqui, Caroline Lux surge como uma voz a ser ouvida juntamente aos demais personagens principais da saga.

A polifonia está atrelada à expressão de diferentes vozes (PIRES; TAMANINI-ADAMES, 2010), no texto de J.K. Rowling, por exemplo, é possível reparar que os ideais e credos de Draco Malfoy e de Harry Potter se chocam, pois ambos têm visões diferentes diante da guerra travada por Voldemort. Malfoy cresceu em um lar preconceituoso e que compactuava com a “pureza” do sangue bruxo, enquanto Harry cresceu no mundo trouxa e teve sua vida modificada por aqueles que eram considerados “impuros” ou menos quistos pelos Malfoy.

4.2. AGENCIAMENTO E DIVERGÊNCIA

A ligação entre Malfoy e Lux, criada por Nina Santos, *Periculum Siderea*, faz com que seja possível ter acesso à vida de Malfoy sem que seja necessária a narração pelo ponto de vista dele. Os vislumbres que ela tem ligam Malfoy à sua própria trama.

Imagem 1 – *Periculum Siderea*: a ligação entre Draco e Caroline



(Fonte: SANTOS, 2021)

Na Imagem 1, Malfoy explica para Caroline como funciona a ligação que os conecta. Apesar disso, a garota insiste em continuar um romance com ele. Essa cena ocorre no capítulo 17, logo após Draco Malfoy ser atacado por Harry Potter. Nina Santos demonstrou muito conhecimento acerca do hipotexto quando se propôs a se apossar de um feitiço criado por J.K. Rowling, o *Periculum*, e criar algo a partir disso, o *Periculum Siderea*. No entanto, ela não teria criado se não tivesse sido motivada pelo fato de Malfoy não ter um par romântico na narrativa. Então, a Nina Santos teve que discordar de J.K. Rowling quanto a isso. A *divergência* (REMENCHE; OLIVEIRA, 2019) foi um fator determinante para que a fanfic existisse.

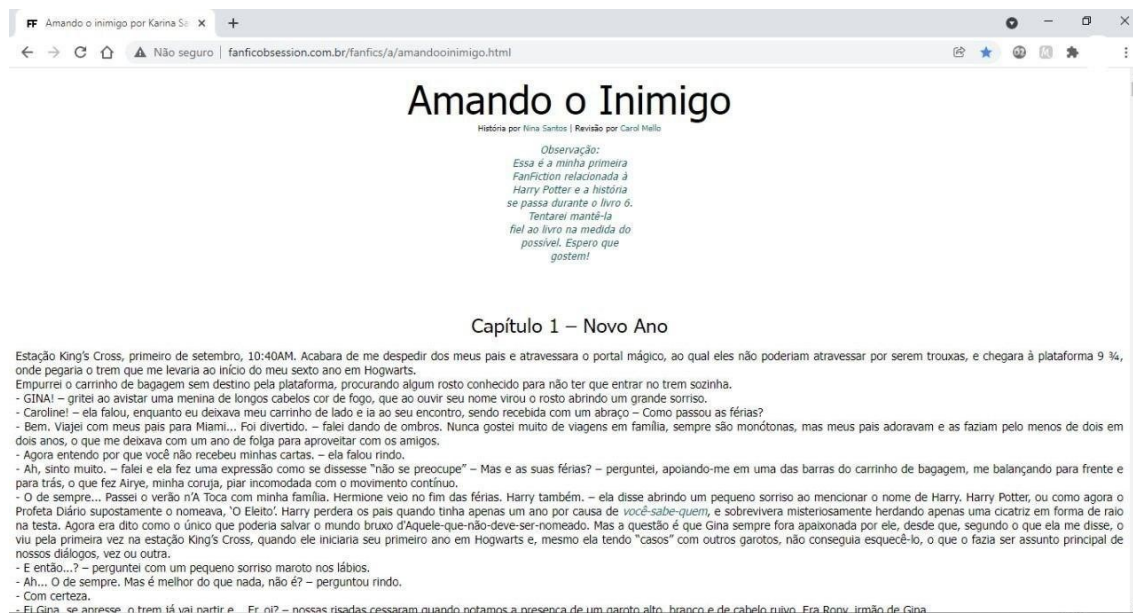
Nina Santos precisou entrar em um acordo (FERNANDES *et al.*, 2010) com a narrativa de J.K. Rowling para poder escrever o que tinha imaginado para Malfoy. Ela escolheu o que combinaria com aquilo que pensou para a própria fanfic, misturando com o que discordava. Em relação à *divergência* (REMENCHE; OLIVEIRA, 2019) alguns pontos foram levantados: primeiro, que Malfoy tivesse um par romântico; segundo, para que ele pudesse se redimir na história. No universo HP, Malfoy é um Comensal da Morte, portanto, ele faz parte do lado perverso. Na fanfic, ele tem a chance de se levantar contra o Lorde das Trevas, passando assim para o lado “bom”.

4.3. CONCEITUALIZAÇÃO

Essa criação de personagem por parte da Nina Santos ocorre graças ao seu entendimento da obra de J.K. Rowling. Se ela inventasse um personagem em uma obra “original”, esse personagem poderia ter qualquer desenvolvimento e personalidade. Entretanto, houve *conceitualização* (REMENCHE; OLIVEIRA, 2019), dado que Nina Santos precisava ter conhecimento aprofundado da série de HP, como os personagens funcionavam dentro da trama para conseguir adequar tanto Caroline Lux quanto Robert Colfer na narrativa que ela propunha escrever. “Ser um usuário das novas mídias requer um tipo de pensamento que nós [Cope e Kalantzis] chamamos de ‘conceitualização’.” (COPE; KALANTZIS, 2010, p. 96 *apud* REMENCHE; OLIVEIRA, 2019, p. 217).

4.4. MULTIMODALIDADE E ESCRITA COLABORATIVA

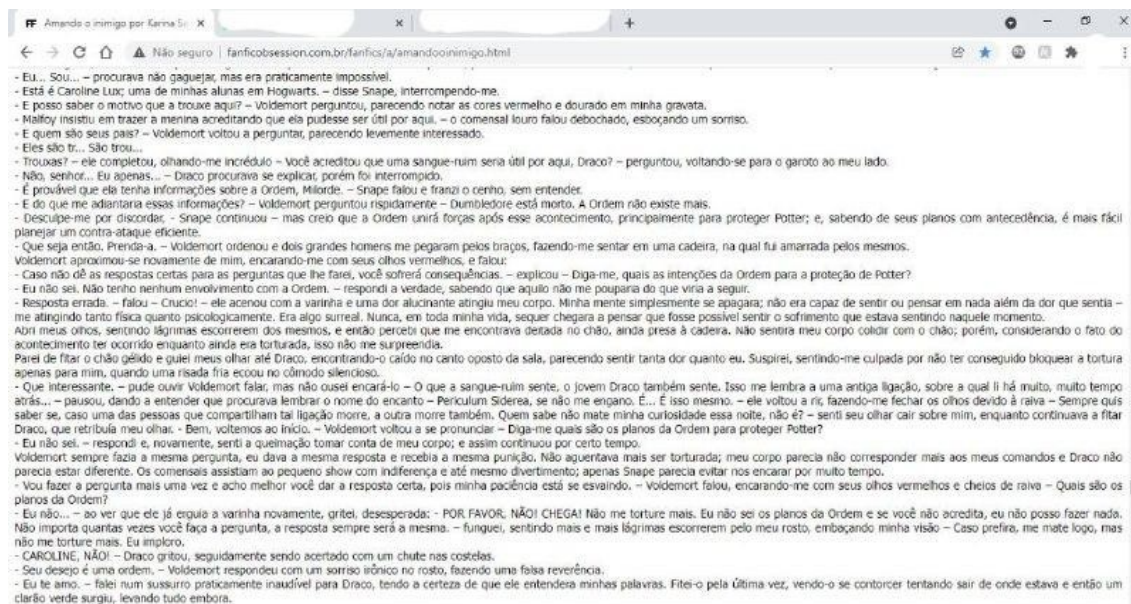
A ordem cronológica de “Amando o Inimigo” segue similar à de HP, começando pela chegada deles em Hogwarts em 1° de Setembro, mesma data que se inicia o ano letivo da Escola de Magia; Harry machucado adentrando o Salão Principal depois de apanhar de Malfoy; Cátia Bell sendo enfeitiçada pelo colar amaldiçoado que deveria matar Dumbledore; Harry tentando tirar informações do professor Slughorn sobre o que são horcruxes; Harry procurando as Horcruxes; a morte de Dumbledore por Snape; por fim, Harry indo atrás de Snape e Draco para tirar satisfação sobre o assassinato de Dumbledore e sendo impedido.



(Fonte: SANTOS, 2021)

Pensando na negociação que propõe a Escrita Colaborativa (FERNANDES *et al.*, 2010), a fanfic reproduz os lugares de HP. “Amando o Inimigo” retratou os lugares de HP como se retratasse uma cidade real, abordando acontecimentos do hipotexto como se contasse sobre algo que viveu. Por exemplo, a Estação King’s Cross, onde os alunos embarcam na plataforma do Expresso de Hogwarts; a Escola de Magia Hogwarts, local em que se passa boa parte da fanfic; Hogsmeade; Três Vassouras; A Toca, casa dos Weasley; Mansão Malfoy, onde Caroline morre pelas mãos de Voldemort após se unir a Draco. Essa negociação que Nina Santos aceita está atrelada a manter o universo de HP, mas alterar pontos de vista e acontecimentos. Por exemplo, quando os alunos de Hogwarts fazem a visita a Hogsmeade, o que se tem acesso é algo novo: o passeio que Caroline e Robert fazem pelas lojas.

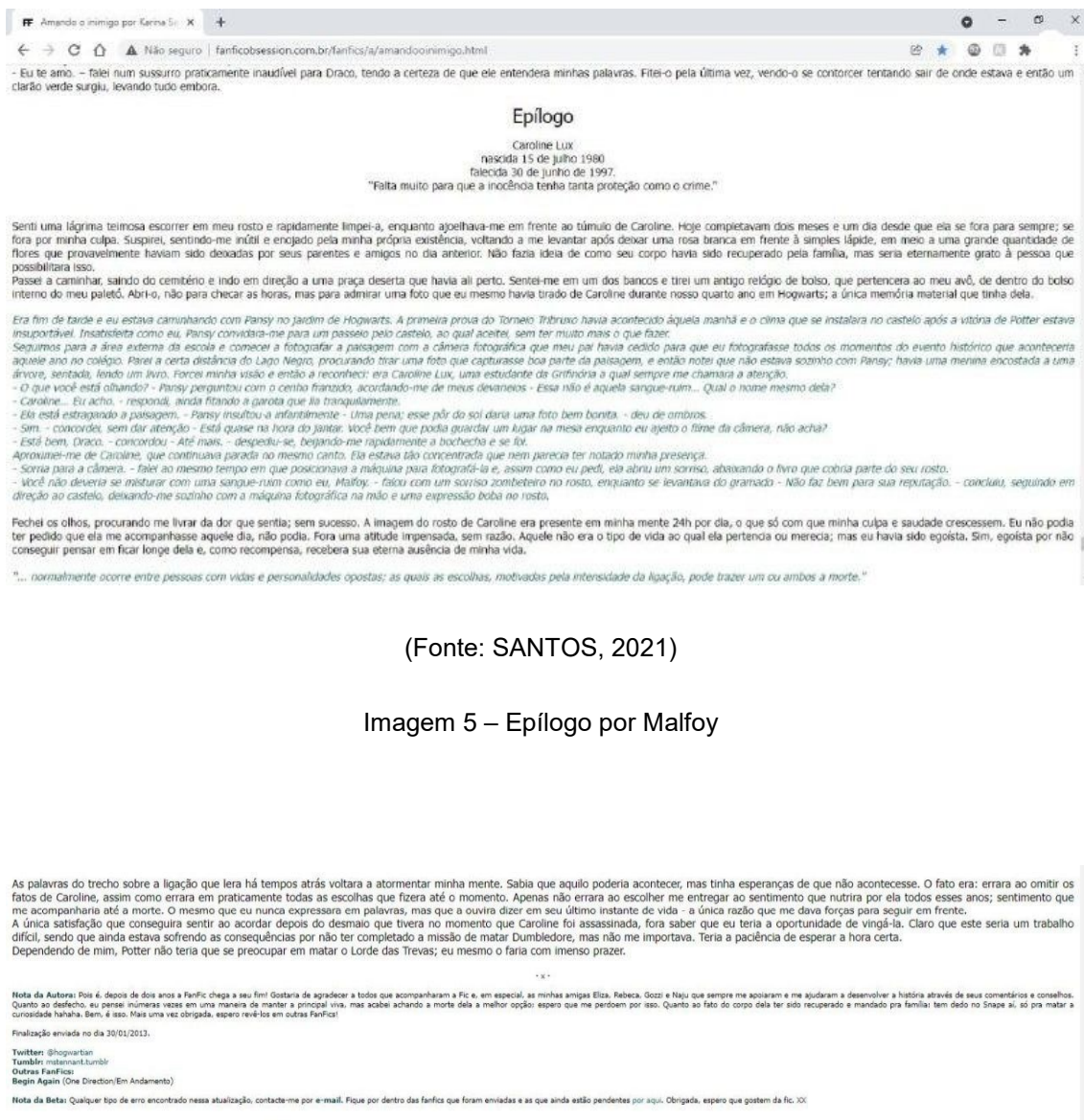
Imagem 3 – A morte de Caroline



(Fonte: SANTOS, 2021)

Além da alteração na história original sobre Draco Malfoy ter um par romântico, Nina Santos também alterou a relação de Malfoy com Voldemort. O Lorde das Trevas é responsável por assassinar Caroline, depois que ela foge com Draco assim que Dumbledore morre. Ela é uma trouxa – portanto, sangue ruim aos olhos de Voldemort. Ele a tortura em busca de informações sobre Harry Potter. Através da ligação dela com Malfoy, ele acaba sendo torturado junto. Quando ela finalmente desiste de ser torturada, por não ter informação nenhuma, pede para que Voldemort a mate logo – e é o que ele faz (Imagem 3).

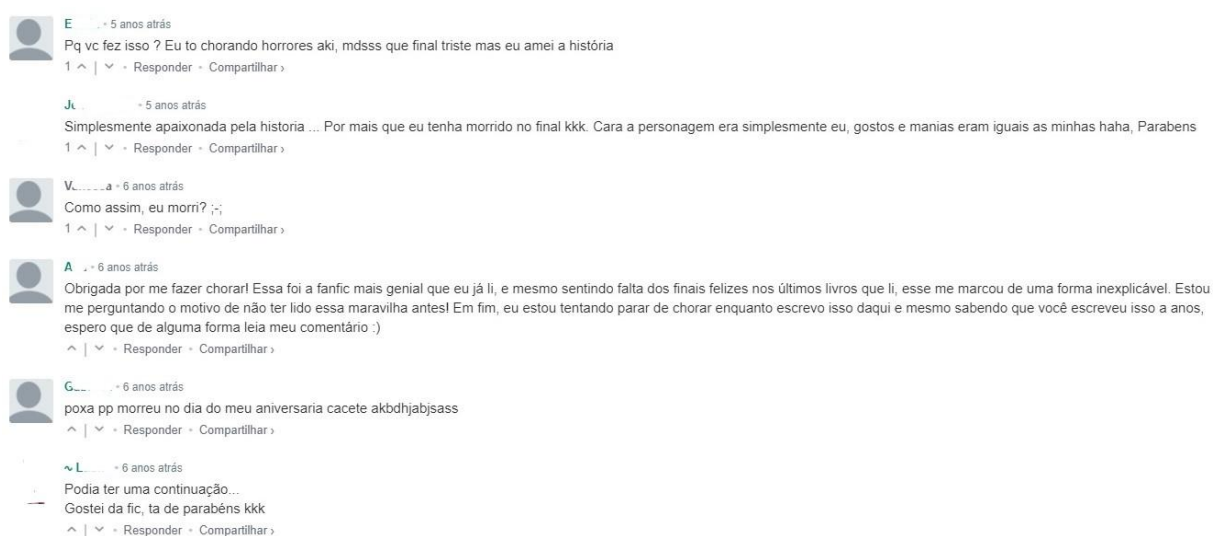
Imagem 4 – Epílogo narrado por Malfoy



No epílogo da fanfic, a narração muda, é a partir do ponto de vista de Draco. Malfoy está no cemitério e visita o túmulo de Caroline. Ele jura que Harry não precisará matar Voldemort, porque ele mesmo quer fazer isso. Fazendo isso, Nina Santos muda a possível sequência da narrativa. No universo HP, Harry precisa morrer pelas mãos de Voldemort, por ser a última horcrux, para então matar o Lorde das Trevas. Se Malfoy matar Voldemort, ele não morrerá de verdade, porque ainda haverá horcruxes restantes, ou seja, ele poderá voltar à vida.

A fanfiction, em si, é uma escrita colaborativa, pois além de negociar com a autora do hipotexto, aqui J.K. Rowling, tornando o leitor-autor de fanfic um co-criador, é colaborativo também no sentido de poder contar com o desejo de outros fãs. Dentro do *fandom*, há interesses e acontecimentos que eles desejariam que acontecesse de outra maneira. Pode-se considerar aí uma das facetas da Escrita Colaborativa, o autor da fanfic está expressando um desejo seu, mas que repercute pelo seu *fandom*.

Imagem 6 - Comentários



(Fonte: SANTOS, 2021)

Os comentários nas fanfics corroboram com essa visão de Escrita Colaborativa dentro do *fandom*. Um comentário pode ajudar a inspirar a autora da fanfic e mudar o rumo dela. Há comentários que exigem acontecimentos dentro da história ou apenas pedindo por continuação (Imagem 6). Isto pode acontecer em razão dos SCRIPTS, que permitem o leitor acrescentar seu próprio nome na história por meio de pop-ups (Imagem 7). Há leitores que, por isso, se sentem pertencentes à história: “V: Como assim, eu morri?” (Imagem 6)

Imagem 7 – Pop-up com o nome da protagonista



(Fonte: SANTOS, 2021)

4.5. HIBRIDIZAÇÃO AUTOR-LEITOR

Nina Santos, aqui sendo categorizada como da *Geração “P”* (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020), assumiu a narrativa de J.K. Rowling e modificou a história de um dos personagens. No entanto, só foi possível chegar ao produto final (a fanfic), pois Nina saiu de sua zona de conforto e assumiu um lugar dentro desse novo espaço, de *agenciamento* (REMENCHE; OLIVEIRA, 2019), que representa essa linha tênue entre espectador e produtor.

É possível compreender que o deslocamento do autor-leitor ocorre dentro da fanfic em razão da hibridização do autor-leitor. Ela ocorre por meio do *agenciamento*, em que o leitor não se contenta em apenas consumir e observar um texto, mas deseja fazer parte dele de alguma maneira, e da *divergência*, por meio da discordância, trabalhando através da fanfic esse sentimento de querer fazer e ser.

Este produto se torna uma “colcha de retalhos”, juntando textos e vozes de outras pessoas, formando algo inteiramente diferente dos hipotextos em que se baseou [BARTHES, 2004]. A co-criação estabelecida entre a autora da fanfic e a autora do hipotexto vira uma co-regência, pois juntas elas vão guiar e reger essas vozes (BEZERRA, 2012) que aparecem na fanfic.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho se ateve a analisar os deslizamentos das concepções autor-leitor dentro do gênero fanfiction. Para tanto, a fanfic “Amando o Inimigo”, de Nina Santos, foi analisada sob as perspectivas da Polifonia, de Bakhtin (BEZERRA, 2012 e PIRES; TAMANINI-ADAMES, 2010), e as diversas vozes que podem estar presente dentro de um texto; da Escrita Colaborativa (FERNANDES, *et al.*, 2010) e as negociações que os autores precisam fazer para chegar ao produto desejado; e da Hibridização do autor-leitor, pelo viés das quatro dimensões de Kalantzis e Cope (REMENCHE; OLIVEIRA, 2019), o agenciamento, a divergência, a multimodalidade e a conceitualização: o sujeito produtor, a possibilidade de discordar daquilo com o que interage, as ferramentas que permitem sua reação e o conhecimento das ferramentas/sites/conceitos. Foram abordadas as informações que a autora da fanfic, Nina Santos, incorporou de Harry Potter, de J.K. Rowling, e aquilo que foi acrescentado à fanfic por Nina Santos, ou seja, elementos originais se comparados com a série HP.

Com a análise, chegou-se à conclusão de que o deslocamento do autor-leitor se dá pela hibridização, mas que só ocorre graças a esse novo sujeito da *Geração “P”*, pois ele participa ativamente daquilo que consome. Esse sujeito diverge e não se limita a apenas estar contrariado, mas põe a mão na massa e se propõe a criar algo – mesmo que para isso tenha que utilizar um texto que já tenha sido criado por outra pessoa.

As quatro dimensões de Kalantzis e Cope (REMENCHE; OLIVEIRA, 2019) auxiliam na hora de entender como a cibercultura modificou o sujeito diante das TDIC, apresentando primeiro o *agenciamento*, com esse sujeito participativo. Ou seja, no caso deste trabalho, Nina Santos diante de Harry Potter; *divergência*, dissentir com o conteúdo que viu, a proposta de criar um par romântico e a redenção de Malfoy; *multimodalidades*, viu-se como os comentários podem inferir no decorrer da fanfic. No caso de “Amando o Inimigo”, por se tratar de uma fanfic finalizada, não havia comentários nesse sentido, mas é uma possibilidade para algumas fanfictions colaborativas; *conceitualização*, conhecer a obra na qual se inspira e, ao mesmo tempo, conhecer a ferramenta na qual vai publicar seu trabalho. Nina Santos conhecia

o site, dessa maneira conseguiu escrever uma personagem que pudesse se encaixar nas características de várias leitoras.

Por fim, foi possível compreender com este trabalho que a fanfiction não se trata de uma cópia, mas uma manifestação do leitor de seus desejos a partir do que vê no hipotexto. O surgimento do leitor-autor não é visto somente na fanfiction, mas nos demais gêneros digitais. Para Nina, a linha entre leitora de HP e escritora de “Amando o Inimigo” se tornou tênue. E essa linha perpassa toda a Escrita Colaborativa dentro da fanfic, dado que há troca de ideias entre os co-criadores (FERNANDES *et al.*, 2010). Em “Amando o Inimigo”, Nina já foi exposta às ideias de J.K. Rowling, portanto teve que adaptá-las de acordo com o plano que tinha para sua própria história.

O *autor-criador* de cada uma das obras, tanto hipotexto quanto hipertexto, é diferente. Em Harry Potter ele é onisciente, tem um olhar mais distante, pois está em terceira pessoa. Já na fanfic de Nina, Caroline é quem narra os acontecimentos, dessa forma a visão dos acontecimentos é pessoal, mais próxima, pois está em primeira pessoa. Dessa forma, Nina Santos modifica o tom da história de HP quando atribui a narrativa da fanfic a Caroline, construindo uma narrativa calcada em outras, mas, de certa forma, original.

Em conclusão, essa mudança, que foi atribuída à *geração “P”* (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020) pode ser, da mesma maneira, consequência das novas mídias digitais que estimulam o usuário a se posicionar diante de tudo que vê, por meio dos recursos multimodais. Os usuários se veem instigados a, não apenas reagir, mas a criar seu próprio conteúdo em busca da reação das outras pessoas. A fanfiction, igualmente, é uma maneira de reagir diante de algo, de se posicionar e discordar.

REFERÊNCIAS

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BASTO, Edisângela Marim. **Fanfiction na sala de aula: uma proposta de leitura e escrita colaborativa no ensino fundamental**. (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado do Mato Grosso, 2018.

BAKHTIN, Mikhail [VOLOCHÍNOV]. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12° ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth [org.] **Bakhtin: conceitos-chave**. 5° ed., 1° reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012, p. 191-200.

BRAIT, Beth. Estilo. In: BRAIT, Beth [org.]. **Bakhtin: conceitos-chave**. 5° ed., 1° reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012, p. 79-102.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2019. Disponível: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/a-area-de-linguagens>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

CHIZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 16, n. 002, p. 221-236, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5° ed., 1° reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012, p.37-57.

FERNANDES, Jaime *et al.* Wikis e aprendizagem da escrita criativa e colaborativa. **Indagatio Didactica**, v. 2, n° 2, 2010, p. 33-52.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Pottermore Publishing, 2015. E-book.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a câmara secreta**. Pottermore Publishing, 2015. E-book.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. Pottermore Publishing, 2015. E-book.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e o cálice de fogo**. Pottermore Publishing, 2015. E-book.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Pottermore Publishing, 2015. E-book.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e o enigma do príncipe**. Pottermore Publishing, 2015. E-book.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Pottermore Publishing, 2015. E-book.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. Introdução: o trabalho de aprender e ensinar letramentos. In: **Letramentos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 19-32.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Leitura, texto e sentido. In: **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 9-37.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5° ed., 1° reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p.151-165.

MACHADO, Paulo Henrique. **Livros literários infantis digitais interativos em formato de aplicativos: análise de práticas multiletradas na formação de leitores**. 2019. 305 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007&lng=pt&nrm=iso. acessos em 08 nov. 2019.

NEVES, André de Jesus. **Cibercultura e literatura**: Identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (fanfiction). Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de; SZUNDY, Paula Tatianne Carréra. **Práticas de multiletramentos na escola**: por uma educação responsiva à contemporaneidade. *Bakhtiniana*, São Paulo, 9 (2): 184-205, Ago./Dez. 2014.

PIRES; Vera Lúcia; TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia. **Revista Estudos Semióticos**, v. 6, n° 2, 2010, p. 66-76.

RECHDAN, Maria Leticia de Almeida. **Dialogismo ou polifonia?**. UFRGS, 2003. Disponível: <<https://www.ufrgs.br/soft-livre-edu/polifonia/files/2009/11/dialogismo-N1-2003.pdf>> Acesso: 16 ago. 2021.

REMENCHE, Maria de Lourdes; OLIVEIRA, Mérie Ellen. Leitura e escrita em fanfic: deslocamentos do leitor ao jogador. **Revista Desenredo**, v. 15, n. 2, 15 ago. 2019.

ROJO, Roxane. **Pedagogia dos multiletramentos**: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo [org.]. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

RÜDIGER, Francisco. A comunicação na era da cibercultura: adeus à Indústria Cultural? In: **Cibercultura e pós-humanismo**: exercícios de arqueologia e criticismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 19-37.

SANTA, Everton Vinicius de. O jogo do autor-leitor na literatura do agora. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 42, p. 209-221, jul./dez. 2013.

SANTOS, Nina. **Amando o inimigo**. Disponível em: <<http://fanficobsession.com.br/fanfics/a/amandoinimigo.html>> Acesso em: 16 ago. 2021.

SILVEIRA, Ana Paula Kuczmynda da; ROHLING, Nívea; RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A análise dialógica dos gêneros do discurso e os estudos de letramento**: glossário para leitores iniciantes. Florianópolis: DIOESC, 2012.